



"Je me range du coté
du baroque" Lacan

Sobre a transmissão - Lacan no Brasil.

Interessante proposta foi feita por Joseph Attié por ocasião de sua permanência no Brasil - a saber, que os leitores de Lacan na América Latina, após terem contato com uma nova teoria, como é certamente o caso em se tratando do texto de Lacan, pensem em criar uma nova prática. Uma nova prática certamente resultado desta nova teoria, mas que pudesse levar em conta o fato de que não são ex-analisandos de Lacan. Attié tem razão se nos referimos a estudos recentes - um destes estudos, publicado no Times Literary Supplement, Nov. 1984. Neste artigo podemos ler que "os autores procuram limitar o uso de termos empregados, assim como procuram fazer respeitar as exigências de um determinado tema... Porém é essencial reconhecer que uma tal limitação terá sempre efeito local e temporário. O que está em causa nem sempre será a falta de cuidados ou ignorância por parte do leitor (claro que algumas vezes isto pode acontecer), já que o mais importante vem a ser o fato de surgirem novas significações por ocasião de novas leituras, pois este fenômeno é inerente à linguagem". Assim pois nossos colegas brasileiros mais jovens ou com mais alguns anos de profissão não tiveram que esperar a proposta de Joseph Attié para ter uma nova prática. O que vejo de interessante na proposta vem a ser - agora vamos ter que formular qual é nossa prática! Creio poder afirmar que ela existe, de alguma maneira ela existe. Aliás sabemos que as teorias quando transportadas da Europa ou outra metrópole para nosso "mundo novo" quase sempre sofrem transformações. Quais as mudanças já introduzidas na prática daqueles que pretendem ou poderiam vir a pretender reconhecimento com relação ao ensinamento de Lacan?

Em primeiro lugar o sincretismo - forma de adoção e recepção que conhecemos no Brasil. Nem vai aqui crítica, nem vai aqui menosprezo pelas práticas sincréticas. Nas religiões africanas no Brasil, sincretismo quer dizer forma de escapar à repressão policial ou autoridade eclesiástica, quer dizer exercício e manejo de uma determinada dialética que mantem os contrários em direção a uma síntese sem perda da identidade anterior. Na arte brasileira, sincretismo mostra criações inesperadas para europeus. Sincretismo para nós brasileiros vem a ser uma conquista já presente no dia a dia.

Poderia acrescentar além do sincretismo, alguns curtos comentários sobre a maneira brasileira, o jeito ou o jeitinho brasileiro - como por exemplo, entre nós brasileiros o discurso ou o estilo discursivo parece nos levar a construir frases mais longas. Entre brasileiros uma certa efusividade faz parecer o estilo europeu como um estilo mais seco. Teríamos assim alguns indícios do que seria a prática da Psicanálise no Brasil.

Vale a pena levarmos mais longe nossa reflexão e nos perguntarmos sobre uma Psicanálise brasileira? Haveria lugar para tal pretensão? Ou o rigor do conceito está aí para nos impedir qualquer veleidade nesse sentido? Assim também o termo sincretismo usado há pouco pode causar espécie.

Proponho o termo como uma forma de abertura inicial, sem outra intenção. Em segundo lugar, o termo sincretismo é susceptível de deslocar um problema a ser encontrado logo mais. Deslocar quer dizer anteciparmo-nos para denunciar qualquer tentativa de implantação de um discurso já marcado pelo compromisso de ser único e íntegro. Veremos logo adiante qual o problema pressentido.

Por enquanto limito-me a reconhecer que o sincretismo parece ser uma vocação brasileira; além disso, ele (sincretismo) sem que haja nenhum propósito deliberado, ele tem como efeito descreditar o tal discurso a que me refiro. O discurso, a imposição que quero denunciar vem a ser o discurso do "fundador".

Esta imposição trazida pelo discurso do "fundador" (na maioria dos casos auto-denominado fundador) encobre as particularidades que queremos apontar, já que este discurso tem por função justificar alguma coisa por força da assunção de uma originalidade por ele mesmo negada ou maltratada. Este, o paradoxo do fundador!

Demonstrar que não existe tal coisa que chamamos "fundação" vem a ser um gesto analítico. Assim foi, quando Freud trabalhou a questão em "Moisés e o Monoteísmo". Pretendendo que Moisés era egípcio, Freud afirma que Moisés era um estrangeiro estranho à questão da fundação. Assim ele, Freud, o fazia numa última tentativa de denunciar o avanço da ideologia nazista anti-semita. Mas não é por aqui que quero terminar esta intervenção.

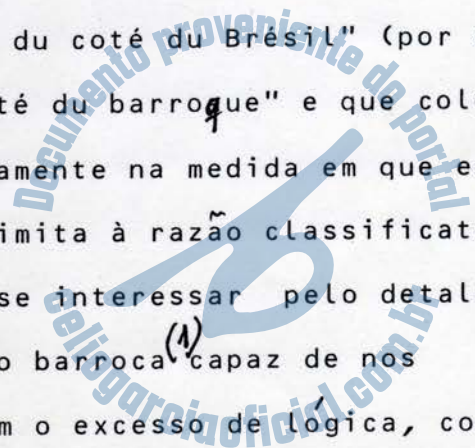
Supondo que tenhamos ultrapassado a questão da fundação, até certo ponto questão marcada por certo arcaísmo, portanto fora de moda, supondo que malgrado as dificuldades a leitura do texto de Lacan se processe contando com a participação do leitor vamos voltar a nos perguntar sobre Lacan no Brasil.

Participação do leitor, insisto, já que o texto é esta máquina preguiçosa que exige do leitor um trabalho cooperativo... ("Le texte est une machine paresseuse qui exige du lecteur un travail coopératif acharné. Chaque mot contient virtuellement tous ses possibles développements textuels et entre les mots il y a d'immenses espaces vides qu'il s'agit de combler" (Voir "Le Monde des Livres" - 27 Décembre 1985 "L'aventure d'être lecteur" a propósito do livro de Umberto Eco "Lector in fabula")

Para isso, o leitor de Lacan no Brasil terá que trabalhar com as palavras da sua própria língua, o brasileiro...mesmo que tenha que torcer a própria sintaxe da língua (Assim Lacan nos ensinou a fazer quando trabalhava com sua língua fazendo com que ela dissesse mais do que estava previsto.) Não podemos nos limitar a repetir frases, frases supostamente encontradas nos seminários de Lacan, agora pronunciadas sob as vistas de um "repetidor", cabendo ao repetidor tão somente verificar se a frase repetida está corretamente repetida.

Nem sei se é o caso de falarmos em Psicanálise brasileira! Bastaria mencionar o ensinamento de Lacan como um instrumento crítico com o qual poderíamos desmontar nossa prática anterior... nossa formação ... nossa análise pessoal anterior.

Nesta última parte de meu comentário, quero deixar bem claro que fui formado na leitura e no ensinamento de Jacques Lacan no Hospital Saint Anne, e tenho a impressão que ele diria de bom grado se tivesse conhecido o Brasil "Je me range du côté du Brésil" (por alusão ao que ele disse "Je me range du côté du baroque" e que coloque como dístico desta intervenção)... justamente na medida em que esta razão barroca que ele promoveu não se limita à razão classificatória cientificista. Razão barroca capaz de se interessar pelo detalhe, pelo ~~por~~ menor, pela singularidade. Razão barroca capaz de nos fazer aceitar e nos ensinar a lidar com o excesso de lógica, com o paralogismo. O Brasil é a capital desta lógica, a terra desta razão



barroca, creiam-me. O brasileiro, aqueles que foram ao Bra-
 sil bem o sabem, o brasileiro é este homem "cordial", cordial
 não no sentido servil. Cordial aqui evoca o que temos de essencial-
 mente barroco... até o excesso se para tanto se presta a situação.
 Sem essa "barroquice" Lacan não teria lido Freud com a malícia
 que sabemos ele soube imprimir a esta leitura.

Celio Garcia

Belo Horizonte (Brasil)

(1) Para a expressão assim como o tratamento dado a esta expressão
 veja-se Christine Buci-Glücksman "La raison barroque" Galilée, 1984.

